

UM DIA EU VOLTO

Livro 77

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



ACEITAR

Aceitar a verdade permite elaboração contra a adversidade.



CONCEDO

Concedo aos ventos a rota, eles me presenteiam portos.



EROSÃO

A erosão funciona permanentemente, extravia tesouros, confissões autênticas, sentimentos com verdade, por sorte mal apagados, mal borrados, depois voltam como se fossem pela primeira vez. Afetos sobre viventes esperando um novo resgate, embora tantas vezes naufragado.

MARCAS DO PASSADO

Qualquer lembrança traz consigo marcas do passado, qualquer evidência é um organismo do passado. Pode ser um objeto, uma história, pegadas, músicas. Fazem a vida ser mais verdadeira, sentimentos mal apagados voltam como se fossem pela primeira vez.



UMA PALAVRA

Ponho mais uma palavra para romper a uniformidade que viaja dentro de mim, não ponho a culpa nessa insistência, não ponho gestos, são apenas lembranças que particulares povoam saudades dentro de mim. Ponho-me de luto, fujo da dor, por cima de todos os meus desejos terei que habituar-me a haver chegado depois. Minha tristeza continua meus lamentos, não é fácil aceitar tudo disposto sem minha anuência, aceitar o predestinado critério que torno dividido. Desprezo, aceito com reservas decisões inoportunas. Disposições unilaterais despedem o privado e o recato.

VESTIDO DE REI

Minha ânsia debate com o leão que ruge à minha porta. Vestido de rei invade minha selva alegando propriedade, encerra-me em um exíguo território, cobra-me a passagem, não me incomoda que me pense o frágil que eu sei ser, mas o que me interessa é saber se ele sabe o forte que ele não é.



MÉRITOS

Nem todas as oportunidades são à todos oferecidas, nem todos recebem os méritos merecidos.

VIA MARÍTIMA

Meus antepassados realizavam longas expedições marítimas, atravessando o estreito de Gibraltar, indo para as ilhas Britânicas, para a África até o mar Vermelho. Tudo o que sabiam ou grande parte aprenderam dos babilônios. Se orientavam à noite no mar por meio das estrelas. Em suas grandes expedições, os fenícios comercializavam navios, tecidos, madeiras, azeite, joias, vidros, escravos e outros.

A astronomia e a matemática foram aprimoradas pelos fenícios devido a sua atividade na agricultura, navegação e atividades comerciais. Foram transmissores de cultura, contribuíram pacificamente com a humanidade.



MEUS PASSOS

Meus passos mais curtos aumentam meu andar, ainda que minhas pernas já não repitam sua competência de outrora. Elas já me levaram a muitos lugares, a encontros, me afastaram de muita gente e me permitiram o atrevimento de pensar haver deixado de ser animal porque algum dia fiquei de pé.

QUERO UMA TRÉGUA

Quero uma trégua que precipite a paz como novidade, que salvguarde alguma virtude útil, que desafie e atravesse as bocas habituadas a calar, viciadas em silêncios, lugar onde acumulado se deposita o não-pensar.



AS DECEPÇÕES

As decepções são do tamanho das ilusões.



A ILUSÃO

A ilusão é um componente da realidade ou uma projeção dos nossos ideais?

PENSAR VIDA E MORTE

Tomemos um exemplo que sempre é motivo de dor, negação e de conflito, o tema da decisão de vida e de morte. Assim uma emoção poderá sensibilizar profundamente uma injustiça com uma planta ou um animal doméstico e na contrapartida promover diante da eutanásia o de um aborto a total negação de valor que indique o extermínio e a morte de um ser humano, que embora intrauterinamente é também gente. Repúdios que nivelam dar vida e proteção à planta e morte a um ser humano apoiada como um ato de liberdade a quem apenas abriga à vida dentro do seu corpo, não sendo o mesmo organismo.



VENTOS SOSSEGADOS

Vi a luz que se segue ao raio, o mar sereno que segue a calmaria, vi os mares largos e os ventos sossegados, vi o mar incerto e revoltado enfrentando remos e remadores fustigando medos novos, vi a noite dando descanso as saudades reiteradas naquela vastidão aquática.

NENHUM DE NÓS

Embora nenhum de nós tenha dito uma só palavra, quantas palavras seriam suficientes para dizer tanto quanto o silêncio que tudo diz por nós, os descendentes.



PALAVRAS NÃO MUDAM

Palavras não mudam o estado de ações, entretanto a luta contra a falta de ética pode ser feita com palavras, palavras que mobilizem, que promovam mudanças.

MUNDO FICCIONAL

Enquanto esta realidade falsificada dirige o mundo ficcional, as famílias lutam para manter-se com algum trabalho que lhes sustente o alimento diário. Cada vez mais ocupados em gerar dinheiro que pague o custo de tantas bugigangas, supérfluos usados como fonte de alienação política e social. Vivem e morrem trabalhando e se endividando por causas alheias e alienantes, enriquecendo os fabricantes de ganancias e os donos de suas razões de viver.



SONHA-ME

Sonha-me como tua introdução e teu epílogo, quem te queima como madeira e acende o prolongar a visita, quem acostuma a teus olhos saltarem como pássaros ávidos, quem aproxima a penumbra ao mover-se, e muda as condições das sombras, quem te liberta o corpo desobedecido. Sonha-me quem te faz ocupar dos sentidos das palavras, quem empurra as nuvens e abre um parêntesis que transita como uma guia para os teus sonhos.

QUE ME IMPORTA

Que me importa se o tempo tem várias caras, modos de comportar-se, pensamento próprio, não aceita acordos, impõe suas regras?



AS PALAVRAS VOLTAM

As palavras voltam com força, tiram desforra do abandono recebido. Ao virem à luz, transgridam, desfiguram, reparam, agudizam, declaram, atingem, veiculam, afirmam, surgem como visitantes que saem do cárcere e vêm me ver, comparecem como testemunhas do acontecido. Vingam-se, surgem em festa, vão ao coração sem medo, estendem os braços, se auxiliam da alegria para atingir a margem oposta, atônitas, tentando entender a exclusão.

MANIFESTO

Escassamente, manifesto palavras, quase paralisadas, sobre elas o peso do mau uso, do esvaziamento dos significados que elas carregam. Tiro a poeira, o desgaste, o banal discurso que cristaliza seu sentido. Abro a porta para que a palavra inocente entre, encontre abrigo, fuja da exploração, da mentira, da irônica experiência que esvazia. Autorizadas, elas apontam o que se passa.



EFÊMERAS FELICIDADES

A impossibilidade do convívio ensina-me subprodutos do viver, constrói supérfluas e efêmeras felicidades, convencendo-me de que algo da vida nasceu formado e não depende nem espera as mudanças que proponho. Muitos dos perdidos não fui eu quem os perdeu, nos desencontramos por aí, sem dar-nos conta dos caminhos divergentes, cada um pelo seu, seguindo sua viagem com um caminhar que alarga a demora e atrasa reencontros. Avanço por antigas direções, recorro a essa opção, que não me prepara surpresas.

CÁLIDO ABRIGO

Retomo-me depois de longo tempo, sem enunciar. Desconcerto-me diante de certas presenças porque me acostumei a pensar só no que me renova. Iludido como criança feliz, vez por outra me reencontro, exaltando os ânimos quando meus conhecidos medos me permitem. Faço-me hóspede de mim mesmo, me acolho e me nino sem tomar conhecimento das disposições de amar, dos refúgios, da falta de presenças.

Cada dia me redescubro mais desprevenido, tentando confirmar alguma presença. Entre mim e o mundo quase que diariamente acontece uma transição entre ilusão e decepção. Retomo meus sonhos, um novo apaga descrenças, devolve-me uma fantasia calidamente passageira; ela guarda consigo o agasalho de que tanto necessito.

COMO UMA NOSTALGIA

Semelhante a uma nostalgia, resvalo nos vacilos que não reconheço meus, ainda que logo retome esses múltiplos encontros diários que confirmam que a semelhança é representação do que existe.



DIFÍCIL É MANTER

Difícil é manter o coração puro quando uma fadiga provoca o esvaziamento do sentido de pertencimento. Não alcanço ser delicado com a decadência, sua frequência, seu vício. Gostaria de afrontá-la, mas não disponho de agressividade quando me importuna esse escuro com seus domínios.

A CHAVE DA MINHA CASA

A chave da minha casa ainda me pertence. Não repetirei enganos, esquecendo nomes, enquanto perco a direção da minha razão. Minha vontade é de abrir todo o óbvio ocultado, não aceitado. Não me inclino às falsas esperanças, à manipulação das palavras que gravam na minha alma angustiada um pedido de paciência no meio do meu desespero. Há gente capaz de viver o pior como se fosse alheio; para mim, o pior é o que não quero que me aconteça. Ele vem como uma reprovação, lança âncora em terra firme e me joga sem boia no mar.



INSISTO

Insisto, pois ainda fecundam as advertências sobre os riscos que acompanham o amor. Não aprendi de memória se o que me confunde é não recuperar uma lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, borra, inutiliza o que penso como coisas minhas. Acredito no amor, levo um equilíbrio à base de esforços. Tenho espalhadas minhas harmonias, sinto-me o personagem central de um rascunho sem ensaios.

POR INSTANTES

Por instantes, pareço rodopiar no tempo de forma inapropriada. Não sei o que fazer desses meus sonhos que nunca acabam de reinventar-se. Da vida poderia cobrar alguns favores que não me foram devolvidos, alguns méritos negados. Desgostoso, poderia fazer como todos aqueles que desaparecem sem deixar rastros. Mas evitarei perder todo o juízo, mantereí uma certa cerimônia com a vida.



QUIMERA OU POESIA

Estremecem minhas certezas, afetadas pela espessa escuridão. Estalam-se os pisos, os ossos, rangem as portas, as articulações, as coisas que vivi fazem oportunas essas e outras. Eis ao que me refiro: é como se estivesse estampado um sentir que clama por atualização e autorização.

Deter-se, estranhar, lembrar, significa algo a recuperar,

o antes tornado imenso invadindo sem descanso o atual como um acontecido desejante, como um bem que, humilde, espera o instante de lembrar que está à espera de reunir os elementos e os compor como obra, saudade ou poesia.



INDIGNAÇÃO

Antes de tornar-se uma batalha crônica e influenciar as opiniões de alguém, levo o infortúnio como epidemia, tornei-me inimigo das ofensas. Enchi-me de inspiração para não infiltrar a confiança com a alma imoral que me quer convencer a aceitar o inaceitável, o ladrão que me quer roubar o suor, a ideologia e a convicção.

BUSCO UMA LUZ

Com frequência frequento os faróis em busca da luz que indica caminhos, ilumina virtudes e evita os choques do pecado que habita as ardentes sementes que buscam justificativa para sua expulsão.

Rodeado de vidas e mortes diárias, vejo tremores amargos, amores inesperados que assustam, tornando as fantásticas tentativas de sobrevivência e os repousos merecidos em convívios com delírios concomitantes e delitos impunes.

Tantos os medos, que a temporalidade inventa a finitude. O mínimo que se pode é evocar e tornar a curiosidade menos curiosa. E aquele que não se candidate a deus poderá aceitar que com alguns riscos a menos, mais viverá e que com menos pressa mais tempo lhe faltará para o final.

Abandonar a tenebrosa morada evoca acabar com isso de olhar-se ao espelho assistindo o envelhecimento lento e inexorável. Enquanto se siga cultivando a preservação das inocências se pode ter o orgulho de criar flores, ninar crianças, fazer correr por dentro rios de esperança e de pedir cuidados espalhados, superficiais e profundos.

Protegido das batalhas, das ofensas, do dano propositado do vizinho que oculta o punhal no sorriso hipócrita e faz alvo por pura maldade. Peço abrigo.



CORAÇÃO INCAPAZ

Que tamanho deverá ter esse meu coração incapaz de traduzir na palavra escrita meus sentimentos mais profundos?

Soa levemente uma harmônica sinfonia que te acompanha os passos, vens decidida, em minha defesa, a cuidar do meu destino, soas acorde para fazer par comigo, para encantar e conceder-me o melhor de ti.

Moves a minha solidão que, com tua presença, fica confundida, desacostumada às companhias. Consolas a minha tristeza desfilando tua simpatia, me estendes um olhar que fala sem palavras um sentir forte e sereno.

HOUVESSE QUERIDO

Houvesse querido estar em nenhum lugar onde se esculpisse a fragilidade, embora conviva ocultando-a. Em algum olhar já depusitei tormentos. Internalizei a obrigação de me aceitar inundado de decepções forçadas.

Grito pelos colos há muito perdidos, definidos pelas qualidades hoje desistidas de estar. Tudo, implica em evitar a demissão das humanidades que ficaram privadas de mérito.



DAS AMEAÇAS

Quando foi que perdi ou guardei a inocência, não sei. Desapareceu, assim como todos aqueles que magicamente transformavam em possíveis todos os impossíveis.

ABORDO TEMAS

Abordo temas que cumprem, comunicam segredos, afinam o que é bruto privando-lhe da obediência absoluta, autorizam aos proibidos incluindo-lhes conhecer a liberdade, aproximo os caminhos para dizer o que querem escutar de mim.

Estou farto de tanta solidão, acabam ali todas as faltas de contato. Evidências são emitidas por olhares que corrigem convertendo.



DEIXO MARCAS

Sem dar-me conta, deixo rastros, muitas marcas demarcam por onde fui, por onde gastei minhas pegadas, fugitivas, seguidoras, amparo no rumo alheio, convertidas em vestimentas, portando um recado e uma despedida.

Flutuando nas praças, molhes, nas ruas por onde passeiam os ventos e estacionam as flores. Ando buscando encontrar alguma notícia que preencha o vazio, ando para me afastar da impiedade nossa de cada dia.



Roberto Curi Hallal

